

CHLOE GONG

DESEJOS
IMORTAIS

TRILOGIA CORPOS E FALSOS DEUSES

LIVRO 1

TRADUÇÃO DE GIOVANNA CHINELLATO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024



I

U ma coisa viva, quando se quebra ou se machuca, é compelida a curar a si mesma. Um corte cicatrizará a partir do coágulo do sangue, prendendo o *qi* de uma pessoa. Um osso se alisará, costurando novas linhas a cada rompimento. E os prédios de San-Er, quando uma inconveniência é identificada, se apressarão a reparar a ferida, localizando cada fratura e brandindo remédios com vigor. Do topo do palácio, tudo o que se pode ver são as estruturas amontoadas que compõem as cidades gêmeas: interdependentes e entrelaçadas umas nas outras, algumas conectadas a uma vizinha no térreo e outras ligadas apenas nos andares mais altos. Todos no reino de Talin querem viver na capital, nessas duas cidades que se mascaram como uma. Logo, San-Er precisa crescer de maneira mais densa e mais alta para acomodar as pessoas, cobrindo suas ofensas e seus odores com total incoerência.

August Shenzhi aperta com mais força o parapeito da sacada, arrancando o olhar do horizonte de telhados. Sua atenção deveria estar no mercado abaixo, que borbulha a altos volumes dentro dos muros do coliseu. Três gerações atrás, o Palácio da União foi construído ao lado do massivo coliseu de San, ou, talvez seja mais adequado dizer, foi construído *no* coliseu — o lado norte do palácio elevado se intrinca com o muro ao sul, e as torres e os terraços separam pedras e se apertam entre elas para fechar os vãos. Todas as janelas do lado norte têm uma vista perfeita do mercado, mas nenhuma é melhor do que esta sacada. No passado, quando ainda aparecia em público, o Rei Kasa ficava ali para fazer seus discursos. O mercado era desocupado, e os súditos vinham se reunir no único pedaço de área aberta dentro de San-Er, aclamando seu monarca.

Nenhum lugar se compara ao coliseu. A própria San-Er é apenas uma pequena protrusão de terra na beirada do reino: a fronteira com a parte rural de Talin é marcada por uma muralha imponente, e o resto do perímetro tem o mar como borda. Mesmo assim, apesar de seu tamanho, San-Er fun-

ciona como um mundo próprio, com meio milhão de habitantes abarrotados em cada quilômetro quadrado, de novo e de novo. Os becos finos como agulhas entre cada prédio inclinado, o chão de terra sempre enlameado porque transpira pelo excesso de esforço. Prostitutas e sacerdotes do templo compartilham a mesma soleira; viciados em drogas e professores escolares cochilam sob o mesmo toldo. Faz sentido que o único espaço protegido dos construtores e das ocupações seja o coliseu, debaixo do olhar vigilante da realeza e intocado pela expansão desesperada que pressiona seus muros. Eles poderiam demolir o coliseu e construir dez, talvez vinte, novas ruas na terra liberada, espremer ali mais centenas de complexos de apartamentos, mas o palácio não permite, e a palavra do palácio sempre prevalece.

— Permita-me estrangular seu tio, August. Cansei dele.

Galipei Weisanna entra no cômodo a passos largos, a voz ecoando até a sacada lá fora. Ele fala como sempre: direto, preciso, sincero. Galipei raramente está disposto a contar uma mentira, mas, mesmo assim, considera de suma prioridade abrir a boca, até quando o silêncio é uma opção melhor. August inclina a cabeça para trás a fim de olhar seu guarda-costas, e a coroa frouxa em seu cabelo balança, tombando para a esquerda. À luz do palácio, o brilho vermelho se parece com fragmentos de sangue que envolvem seus cachos loiros clareados. A posição da coroa é tão precária que uma brisa instável arrancaria totalmente o arco de metal.

— Cuidado — responde August, indiferente. — Alta traição na sala do trono tende a ser vista com maus olhos.

— Então imagino que também deveriam olhar para você com maus olhos.

Galipei se junta a ele na varanda, então empurra a coroa de August de volta ao lugar com familiaridade praticada. Sua presença é dominadora, os ombros largos e a postura alta, em contraste com a leveza graciosa de August. Vestido com seu usual uniforme escuro de trabalho, Galipei parece parte da noite, se esta estivesse decorada com fivelas e tiras que seguram várias armas que, do contrário, não se fixariam no couro pesado. Há um tilintar melódico quando o corpo dele faz contato com o parapeito revestido de ouro, descansando os braços no topo para imitar August, mas o som facilmente se perde no clamor do mercado abaixo.

— Quem ousaria? — pergunta August, inexpressivo.

Não está se gabando. São apenas os modos profundamente confiantes de quem sabe com precisão o quanto seu pedestal é alto, porque escalou até o topo sozinho.

Galipei solta um murmúrio vago. Ele desvia os olhos do muro do coliseu, tendo procurado por ameaças sem encontrar nada fora do comum. Em vez disso, sua atenção se volta para a linha de visão de August: uma

criança, que chuta uma bola ao lado da fileira mais próxima de barracas do mercado.

— Ouvi dizer que você assumiu a organização preliminar dos jogos. — A criança se aproxima cada vez mais da sacada. — O que está planejando, August? Seu tio...

August pigarreia. Embora Galipei revire os olhos, prossegue com a correção:

— ... seu *pai*, perdão, já está irritado o bastante com o palácio esses dias. Se deixá-lo nervoso, ele vai renegar você num instante.

Uma brisa quente sopra do sul contra a sacada, engolindo o bufar cético de August. Ele puxa a gola para cima, deslizando os dedos contra a seda, um tecido fino o suficiente para que o frio lhe atinja a pele. Deixe que o Rei Kasa enfie os documentos de adoção numa fragmentadora. Logo não fará mais diferença. Nos últimos anos, manobrar para fazer a papelada existir fora apenas a primeira parte do plano. Não é nem de perto a mais importante.

— Por que você está aqui? — pergunta August em resposta, desviando do assunto. — Achei que Leida tivesse pedido sua ajuda esta noite.

— Ela me mandou de volta. Está tudo certo na fronteira de San.

August não comunica sua imediata descrença, mas franze a testa. Além do coliseu, a borda mais distante de San, bem ao lado da muralha, é o outro único lugar dentro de San-Er em que os civis têm espaço para se reunir e causar perturbações, aglomerando-se entre os montes de lixo e tecnologia descartada. Nunca dura muito. Os guardas se espalham e os dispersam, então os civis podem ou passar uma quantidade indeterminada de tempo nas celas do palácio, ou correr de volta para o denso labirinto de ruas.

— Fascinante — diz August. — Não me lembro da última vez em que não tivemos tumultos antes dos jogos.

Mais alguns passos e a criança estará diretamente abaixo deles. Ela não presta atenção aos arredores, costurando com a bola entre os compradores e vendedores, sapateando os solados finos contra o chão irregular.

— Os jogos devem ser rápidos este ano. Foram poucos os inscritos que se voluntariaram para o sorteio.

Com *poucos*, Galipei quer dizer centenas em vez de milhares. No passado, os jogos costumavam ser um evento muito maior, quando havia dois reis que esvaziavam um pouco seus cofres para contribuir com o grande prêmio. O pai de Kasa os criara em seu reinado, e o que começou como uma luta de um-contra-um até a morte eventualmente cresceu e se transformou em uma disputa com múltiplos competidores, expandindo-se para além do coliseu e usando San-Er inteira como campo de batalha. Assistir a lutadores habilidosos despedaçarem uns aos outros na arena já foi mero

entretenimento, algo distante dos civis ordinários. Agora, os jogos são um evento empolgante, do qual qualquer um pode participar, uma solução para um reino que ferve de reclamações. *Não se preocupem se seus bebês caírem mortos de fome como receptáculos vazios*, declara o Rei Kasa. *Não se preocupem se os idosos precisam dormir em gaiolas porque não há mais espaço nos apartamentos, nem se a luz de neon do clube de strip do outro lado do beco os mantém acordados noite após noite. Coloque seu nome na loteria, mate apenas oitenta e sete de seus confederados cidadãos e seja premiado com riquezas além de seus maiores sonhos.*

— Ele sorteou a lista, então? — questiona August. — Todos os nossos oitenta e oito participantes sortudos?

Oitenta e oito, o número da sorte e da prosperidade!, declaram os cartazes de propaganda dos jogos. *Registre-se antes do final do prazo para ter uma chance de estar entre nossos estimados competidores!*

— Sua Majestade está muito orgulhoso de si mesmo. Processou os nomes em tempo recorde.

August bufa. Não é eficiência o que fez o Rei Kasa terminar tão depressa. Desde que August sugeriu uma taxa de inscrição, dois anos atrás, o sorteio aleatório encolheu de maneira significativa. Era de se supor que as condições, cada vez piores ultimamente, significassem mais pessoas apostando em uma chance de ganhar, mas os habitantes de San-Er estão cada vez mais aterrorizados com a ideia de que os jogos sejam uma farsa, de que seja por meio de trapaça que o vencedor conquiste o grande prêmio, assim como as cidades gêmeas insistem em trapacear ao recompensar os cidadãos. Não estão errados. Afinal, August *realmente* mexeu alguns pauzinhos este ano para garantir que um nome fosse sorteado.

Torcendo o nariz, ele recua do parapeito da sacada, liberando a tensão no pescoço. Por apenas dois dias distintos no ano, o coliseu à sua frente é esvaziado e usado como a arena para a qual foi originalmente construído. Hoje, continua sendo um mercado. Um mundo compacto e concentrado de vendedores ambulantes de comida sujos de óleo, ferreiros martelando lâminas e técnicos consertando pesados computadores para revender. San-Er passa cada momento apagando os incêndios do momento anterior. Não há outra forma de sobreviver.

— August.

Um toque em seu cotovelo. August olha de relance, encontrando os olhos prateados como aço de Galipei. Há um alerta na forma como o guarda lança o nome de seu príncipe por aí, descartando título e posição. August não liga, apenas sorri. Com um leve repuxar da boca, mal altera seu semblante, e Galipei hesita, tomado de surpresa pela expressão rara.

August sabe exatamente o que está fazendo. Oferece essa breve distração e, quando a atenção de Galipei se desvia, decide seu próximo passo.

— Leve meu corpo para dentro.

Os lábios de Galipei se abrem em protesto. Ele se recupera depressa do encantamento.

— Quer parar de saltar como um...

Mas August já partiu, focando o olhar na criança e entrando com tudo, abrindo seus novos olhos com um movimento rápido. Ele precisa se ajustar à mudança de altura, desequilibrando-se por um segundo enquanto as pessoas próximas se viram, surpresas. Elas sabem o que aconteceu: o clarão de luz entre saltos é inconfundível, marcando o arco do antigo corpo ao novo. Embora o palácio tenha tornado os saltos ilegais há muito tempo, ainda é uma prática tão comum quanto um mendigo roubar um bolinho de arroz de uma barraca mal vigiada. Os civis aprenderam a ignorá-la, especialmente quando o clarão brilha tão perto assim do palácio.

Eles só não esperam que seja o príncipe herdeiro saltando.

August olha para o palácio acima. Seu corpo caiu como uma pedra, tombando nos braços de Galipei para entrar em estase. Sem o *qi* de uma pessoa, o corpo é apenas um receptáculo. Mas um receptáculo que pertence ao herdeiro do trono é um bem incrivelmente valioso. Quando o olhar de Galipei encontra os olhos pretos como piche de August no corpo da menina, ele mexe os lábios silenciosos, no que parece uma ameaça de estrangulá-lo também.

Mas August já está andando na direção contrária, sem dar a Galipei alternativa a não ser guardar ferozmente seu corpo de nascença, para o caso de alguém chegar a menos de três metros e tentar invadi-lo. De qualquer forma, não seria difícil para ele chutar um intruso para fora. O *qi* de August é forte. Se seu corpo fosse duplicado, ele facilmente recuperaria o controle da outra pessoa na marra, a forçando a encontrar outro hospedeiro ou a sujeitando a se perder. Quando se trata de duplicar outros corpos, não há receptáculo nas cidades gêmeas que ele não possa invadir, desde que tenham a idade mínima: 12, talvez 13 anos, quando o gene de saltar se manifesta.

O problema não é tanto a questão de alguém usar seu corpo por prazer ou poder. São os baderneiros que podem invadi-lo com o objetivo de destruí-lo como protesto, jogando-se rapidamente de um prédio antes que o príncipe possa saltar de volta.

August quase colide com alguém e recua, encolhendo-se para encontrar um caminho menos movimentado pelo mercado. Ele sempre leva um tempo para se acostumar com o rápido ataque contra seus sentidos: os sons mais altos, as cores mais vibrantes. Talvez tenha anestesiado demais os sentidos em seu corpo de nascença, e essa seja a verdadeira normalidade. Quando

um engraxate grita com ele de trás de uma barraca e estica a mão com algumas moedas, August simplesmente as pega, sem saber por quê. A criança deve ser algum tipo de mensageira. Melhor ainda. Pouquíssimos civis são fortes o suficiente para saltar para dentro de crianças, o que faz delas as mais confiáveis; podem correr entre prédios e em cada canto de San-Er sem serem notadas.

August sai rápido do coliseu, emergindo na única rua principal, que age como uma passagem do norte ao sul de San. Ele também conhece bem as esquerdas e as direitas de sua cidade bizantina, então sai da rua principal e entra nas rotas menos povoadas, apressando-se sob cabos elétricos frouxos e mal reagindo quando a água dos canos acima pinga em seu pescoço. Mas a umidade fria irrita sua pele depois de um tempo e, com um suspiro, August entra em um prédio, decidindo, em vez disso, se locomover por escadarias e passagens entre edifícios. Não há o suficiente neste corpo para tirar nenhuma conclusão sobre sua identidade, embora isso seja, por si só, uma resposta. Nenhuma marca ou tatuagem, então nenhuma fidelidade às Sociedades Crescentes.

— Ei! Ei, pare!

August, sempre solícito, para. Uma idosa o chama — parada à porta de seu apartamento, é o retrato perfeito da preocupação, com um balde de água apoiado na cintura.

— Onde estão seus pais? — pergunta. — Não é bom ficar nesta área. As Sociedades Crescentes vigiam aqui. Você vai acabar invadida.

— Eu dou conta.

Do corpo da menina, a voz dele sai alta, suave e doce. Só que o tom é confiante demais. Reverbera realza demais. A mulher percebe, e sua expressão se transforma em suspeita, mas August já está andando de novo. Ele segue as direções pintadas com spray nas paredes e percorre outro corredor para entrar em um prédio vizinho. Gemidos baixos atravessam o gesso fino. Hospitais particulares são abundantes nesta área, instalações repletas de práticas nada higiênicas e ferramentas sujas, embora recebam um fluxo constante de pacientes mesmo assim, porque cobram bem menos do que os lugares adequados em Er. Metade dessas instalações particulares são com certeza esquemas de tráfico de corpos. Ainda assim... se um corpo desaparece aqui e ali, ninguém liga o suficiente para descobrir por quê. Certamente não o palácio, não importa o que August faça.

Ele vira a curva seguinte. A atmosfera se transforma imediatamente. A fumaça de cigarro permeia os tetos baixos com tamanha densidade que a luz fraca dos bulbos mal a penetra. San é uma cidade da escuridão. A noite já caiu, mas, mesmo quando o sol nasce, os prédios são tão densamente amontoados que as ruas continuam cobertas pelas sombras. Ele conta as portas ao passar: *uma, duas, três...*

Bate na terceira, passando o pequeno punho com facilidade entre as barras de metal da grade externa. Quando a porta interna de madeira se abre, surge um homem com o dobro de sua altura, olhando para baixo por cima do nariz, bufando.

— Não temos restos...

August salta de novo. Do lado de fora, ele sabe que o ato é instantâneo, tão rápido quanto o clarão, mas toda vez *parece* devagar, como se estivesse se forçando através de uma parede de tijolos. Quanto mais perto o salto, mais fina a parede. Da maior distância possível, no absoluto limite de três metros, a sensação é sempre de estar se lançando contra um quilômetro de pedra sólida. Aqueles que se perdem entre corpos ficam presos ali, condenados a perambular por esse espaço incorpóreo para sempre.

Quando abre os olhos, August está olhando para a menininha de novo, e os brilhantes olhos alaranjados dela estão arregalados e confusos. Nem todos em Talin podem saltar, e mesmo entre aqueles que têm o gene para isso, muitos têm habilidades tão fracas que não arriscam, para o caso de tentarem invadir um corpo e perderem a luta pelo controle. Mas a qualquer instante, com gene ou sem gene, um corpo que contém o *qi* de uma única pessoa pode ser invadido, especialmente por alguém como August. A menina entende rápido o que deve ter acontecido.

— Vá embora — instrui August, fechando a porta interna da casa de apostas.

As pessoas lá dentro viram o clarão de luz, e estão cientes de que o segurança foi ocupado. Felizmente, August é esperado.

— Vossa Alteza!

O dono do lugar corre até ele e, embora tenha um rosto diferente desde a última vez em que esteve ali, August sabe que é a mesma pessoa. Corpos podem ser trocados, mas os pálidos olhos roxos do homem continuam iguais.

— Você a encontrou? — pergunta August.

— Bem na hora, bem na hora! — exclama o homem, ignorando a pergunta. — Venha comigo, por favor, Príncipe August.

August o segue, tomando cuidado ao andar. Este corpo é grande, musculoso. Ele não quer ir rápido demais ou pode acabar se desequilibrando e tropeçando. Ele cerra os punhos e franze a testa, circulando ao redor das mesas de cartas e de *mahjong*, sem quase nenhum espaço para manobrar entre elas. Seu sapato esmaga o que pode ser uma seringa cheia de heroína. Uma mulher em uma das mesas estica o braço para tocar a jaqueta dele, sem motivo nenhum a não ser acariciar o requintado exterior de couro.

— Por aqui. As fotos já devem estar reveladas.

O homem segura a porta aberta e August entra, olhando ao redor sob a luz vermelha. Três varais de secagem se cruzam ao nível de seus olhos, cheios de fotografias em vários tons penduradas. O homem solta uma. Seus

dedos tremem ao deixar a linha chicotear de volta para o lugar, protegendo a fotografia com as mãos. Entretanto, antes que possa entregá-la a August, ele hesita, os olhos focados na foto.

— Algum problema?

— Não. Não é nada. — O homem balança a cabeça, apagando qualquer aparência de dúvida. — Nós vasculhamos os registros do sistema inteiro. Não faltou revirar nenhum banco de dados. É ela, Vossa Alteza. Eu prometo. Aprecio muito sua confiança e seu patrocínio.

August ergue uma sobrancelha. É difícil com este corpo. Ele aponta para a fotografia em vez disso, e o homem a entrega depressa. Toda a câmara escura parece prender a respiração. Os exaustores rangem até parar.

— Então — diz August —, bom trabalho.

Embora a luz acima só brilhe em um tom, tingindo a foto na tonalidade errada e escondendo os olhos da pessoa, não há dúvidas. A mulher na fotografia está saindo de um prédio, o corpo inclinado em movimento nos degraus de entrada, o nariz e a boca cobertos pela máscara, as mãos em luvas de couro... Mas August a reconheceria em qualquer lugar. Ela não é do tipo que abandona o corpo, mesmo nessas circunstâncias. Em vez disso, ostenta o que conseguiu manter, vivendo na cidade por cinco longos anos bem debaixo do nariz dele.

— Ah, prima — fala August para a fotografia —, você não pode mais se esconder.

A Princesa Calla Tuoleimi, enfim, foi encontrada.



2

Uma gota d'água pinga do teto. Então outra. Calla Tuoleimi lança um olhar irritado para cima, mas não faz nada a fim de impedir as gotas de caírem em seu pescoço. Tudo o que pode fazer é desviar dois centímetros para a esquerda, pressionando-se mais perto da parede empoeirada.

— Que inferno! Por que está demorando tanto? — murmura em voz baixa.

Ela espera no começo da escadaria de seu prédio, guardando a entrada para o hall enquanto os dedos trançam três folhas de dionela em uma pulseira. Seu apartamento fica do outro lado de um longo corredor sinuoso: um arranjo no térreo, escuro e sujo, com quartos apertados e alvos para prática de balestra colados nas portas. Na maioria dos dias, ela odiaria estar aqui fora, nos corredores e nas escadarias onde crianças órfãs e desabrigados ficam agachados nos cantos para mendigar ou gritar coisas sem sentido. Não há motivo para mais ninguém estar enrolando no corredor, a não ser que haja algo para se interceptar na entrada. Calla chuta uma pedra no canto com a bota e fica de cócoras.

Hoje, há algo a ser interceptado. Do contrário, todos se perdem tentando encontrar o apartamento dela. Então Calla espera, trançando o bracelete para se manter ocupada. Uma única arandela fixada na parede ilumina a tarde abafada, o bulbo piscante prestes a se apagar a qualquer momento. A rede elétrica está sempre além de sua capacidade. Moradores roubam das várias linhas e painéis, assim como roubam água, conectando canos caseiros onde quer que haja uma bomba subterrânea. San cheira persistentemente a podridão e a roubo — a poças de lama cheias de sacos de lixo descartados, bacias plásticas abandonadas nos becos para que vagabundos as estufem com seus dejetos. Os andares mais baixos sempre sentirão o cheiro mais forte. Apartamentos mais altos, que se elevam acima da linha do horizonte, irão, no horário certo do dia, receber uma leve brisa fresca vinda do mar.

Sofrer em San-Er não é uma punição, apenas um estilo de vida. Qualquer murmúrio de seus habitantes se mescla de imediato ao zumbido das fábricas. As cidades estão perpetuamente cobertas por uma manta de barulho: nada em particular a ser ouvido, mas nada que possa ser totalmente abafado.

Calla para de trançar, erguendo a cabeça ao escutar passos se aproximarem. Há muitas outras entradas para o prédio, seja pelo telhado ou pelos complexos vizinhos, que demoliram as paredes exteriores para compartilhar um corredor mais conveniente em determinados andares. Mas os mensageiros que o palácio envia nunca sabem muito bem como transitar por essas ruas: esse poço de obscenidades disfarçado de cidade, essa metade de San-Er que vive, respira, incha. Eles tomarão as rotas do chão, apertando os olhos para as marcas desbotadas do lado de fora das portas principais de cada bloco de apartamentos, antes de se espremerem entre becos e forjarem caminhos mais profundos. Oitenta e oito pacotes devem ser dispersos pelas cidades gêmeas hoje, carregando oitenta e oito braceletes. Um deles é para Calla, mesmo que não seja isso o que está no registro oficial.

— O que você está fazendo?

A cabeça de um menino surge repentinamente debaixo da escada e Calla se vira, torcendo o nariz. Ele está coberto de sujeira, as calças descascando com flocos marrons. Quando ele chega mais perto, os passos que se aproximam enfim chegam à porta. Calla aperta os olhos sob a luz difusa. Velhos demais. Sacolas de compras demais. Não é um mensageiro. Ela se inclina para o lado e os deixa passar para que cheguem ao seu apartamento no térreo.

— Você não sabe? — Ela espia a criança de novo. — Se ficar se metendo muito na vida dos outros, um deus vai subir pelo seu nariz e roubar seu corpo.

O menino franze a testa.

— Quem disse?

— Não acredita em mim? — pergunta Calla, terminando a pulseira. — Lá fora, nas províncias, eles têm tanto medo dos deuses que nem olham uns para os outros. Uma única pergunta atrevida pode ser o suficiente para um deus sorrateiro entrar correndo e acabar com o seu *qi*.

Ela amarra um lacinho ajeitado no final da pulseira. Trançar dionelas — ou mesmo *ter* uma dionela — também é um hábito das crianças rurais das províncias. A confecção de pulseiras de Calla é um contraste gritante com o resto de sua aparência cultivada: a franja reta que cai sobre os olhos, a cortina preta de cabelos que cresce até a cintura, a máscara preta amarrada na metade inferior do rosto, abafando sua voz.

A Princesa Calla Tuoleimi tem uma aparência muito diferente agora, mas ainda usa o mesmo corpo, o que é inesperado quando ela tem uma

vasta possibilidade de escolhas para uma troca fácil. Está mais magra sem as ricas refeições do palácio, o rosto mais afinado, quase ossudo. Perdeu as bochechas rechonchudas depois do primeiro mês se escondendo, e se assustava cada vez que via no espelho o quanto parecia mais magra. Então imaginou que poderia muito bem abraçar a nova aparência de fugitiva, e pegou uma tesoura para cortar uma franja em linha reta sobre a testa — só *um pouco* longa demais, para obscurecer seus olhos. Agora nunca a apara até que esteja uma catástrofe total para enxergar. Sempre há a possibilidade de que alguém irá reconhecê-la. Uma chance pequena, dada a ínfima atenção que as pessoas dispensam a rostos em uma cidade em que eles estão sempre mudando, mas uma chance que existe mesmo assim.

Se for para acreditar no palácio, é claro, Calla está morta. Naquela noite, eles a pegaram escalando a muralha em uma tentativa de fuga e fizeram justiça, então San-Er pode descansar tranquila sabendo que nenhuma princesa assassina se esconde em suas ruas. Alguns membros das Sociedades Crescentes argumentaram o contrário. Eles questionam por que um cadáver diferente foi usado no funeral de Calla, por que o Rei Kasa continua com tanto medo de sair do palácio. Mas as Sociedades Crescentes sempre questionaram como o Palácio da União governa o reino, e elas são apenas uma pequena maioria.

— Você não é muito legal — diz a criança com tom de reprovação.

— Eu pareço legal para começo de conversa? — Calla chuta com a bota de novo, empurrando outra pedra pelo chão de brita. Na última hora, a maioria dos moradores do prédio passou direto por ela sem fazer contato visual, captando um vislumbre de sua aparência pelo canto dos olhos e decidindo que preferiam não ser assaltados. — Seus pais deveriam dar uma bronca em você por falar com estranhos.

— Meus pais estão mortos.

As palavras são ditas com desinteresse. Não há oscilação no tom, nenhuma pontada de emoção.

Calla suspira. Ela estica o braço, oferecendo à criança a pulseira que acabou de terminar, junto a uma moeda do bolso de seu casaco.

— Tome. Um presente. Talvez eu *seja* legal, no fim das contas.

O menino avança correndo e pega a pulseira e a moeda. Assim que sua mão se fecha ao redor do dinheiro, ele se vira e sai correndo pela porta do prédio com um gritinho animado, pronto para gastá-lo em alguma barraca ou cibercafé. Na ausência da criança, há outros passos lá fora, aproximando-se pela ponta mais distante do beco. Esses são mais suaves, mais leves.

Por algum instinto, Calla avança depressa, inclinando-se no batente para olhar. Assim que põe a cabeça para fora, um garoto aparece à sua frente, parando de súbito, apertando um pacote nos braços. Ele é alto, mas não

tem mais de 15 anos. O palácio, na esperança de evitar que os mensageiros sejam invadidos e seus bens valiosos roubados para o mercado clandestino, sempre envia adolescentes, porque é difícil invadi-los até atingirem a total maturidade. Mas enviar jovens não é exatamente um plano infalível quando qualquer bandido dedicado pode apenas apontar uma faca para eles e pronto, trabalho feito. Ninguém nunca disse que o palácio era esperto.

— Olá — diz o mensageiro.

Calla sorri. Seu rosto todo se transforma naquele momento, os olhos delineados a lápis enrugando-se de maneira predatória. Ela aprendeu há muito tempo que, quanto mais firme sorrir, com mais facilidade evitará análises de sua identidade. A expressão não precisa carregar nenhum calor genuíno, não precisa nem parecer feliz, desde que engula o amarelo de seus olhos, brilhante como um bulbo sobrecarregado. Há tons de amarelo o suficiente em San-Er para fazer a visão ser comum a um vislumbre despreparado, mas só há uma outra pessoa com o tom idêntico ao dela, e é o rei. Por três gerações, o amarelo-real tem sido a marca hereditária que define os Shenzhi em San e os Tuoleimi em Er, escurecidos por um anel marrom-queimado que se espalha a partir do centro. Mas agora Kasa tem um filho adotivo, August, e não resta mais ninguém da linhagem de Calla, não desde que seus pais pereceram e o trono de Er se despedaçou.

— Você é um amorzinho. — Calla estica o braço para o pacote. — Apartamento 117, bloco 3, lado norte?

O garoto olha para baixo, lendo a pequena etiqueta impressa do lado de fora do embrulho.

— Olhe só! — diz. — É exatamente isso. Tome.

Ele entrega o pacote. Os braços estão esticados, não exatamente cobrindo a distância entre eles. O beco está tão cinzento quanto em qualquer outro dia, mas, quando Calla vai pegar a entrega, sua atenção foca o rosto do garoto, tentando captar detalhes na penumbra. É estranho que ele não olhe diretamente para ela. Que em vez disso esteja encarando os próprios sapatos.

Os dedos de Calla passam reto pelo pacote e se fecham ao redor do pulso dele.

O rosto do garoto se ergue depressa. Embora a iluminação seja horrível, é o suficiente para que os olhos dele brilhem, para ela perceber seu tom prateado como aço.

Em San-Er, há outro termo para olhos assim. Depois do amarelo-real, o segundo tom mais infame é o prateado Weisanna.

Calla golpeia de imediato o pacote das mãos dele. Ele cai em uma poça próxima, espirrando água. Antes que o garoto possa pensar em reagir, ela

já o empurrou forte o suficiente para que ele caia no chão, a sola de sua bota no peito dele, mantendo-o preso.

— Quem diabos é você? — grita ela.

Esse não é um adolescente. É um membro da família Weisanna, a única linhagem na cidade, talvez em todo o reino, cujos corpos de nascença são inacessíveis para todos os intrusos.

— Eu? — O garoto, o Weisanna, está ofegante. — Princesa Calla, talvez devesse se preocupar consigo mesma.

Calla congela. O ar fica preso em sua garganta, tornando seus pulmões frios como gelo.

Ela foi descoberta. Alguém sabe.

— É melhor você começar a falar imediatamente — ordena. — Antes que eu...

O punho dela já está cerrado, os dedos apertados com tanta força que os nós gritam de dor contra o tecido áspero das luvas. Então uma mulher aparece no fim do beco e se assusta com a cena à sua frente, trocando o cesto de compras de um braço para o outro.

— O que está acontecendo...

— Não! — grita Calla, estendendo o braço.

Tarde demais. A mulher chegou perto o bastante, e um clarão de luz ilumina o dia escuro, viajando do garoto para a desconhecida. Antes que Calla possa focar a visão, piscando com força para se livrar das silhuetas queimadas em sua retina, a mulher já disparou para dentro do prédio e escada acima, o cesto abandonado. De todas as horas para uma boa samaritana aparecer, *tinha* que ser justo agora?

— O que aconteceu? — pergunta o verdadeiro mensageiro no chão, piscando os olhos agora de cor magenta.

Enquanto outros corpos só são impenetráveis quando já estão invadidos, os Weisanna nascem como se já fossem duplicados, embora tenham apenas um *qi*. Mesmo que possam ocupar outros com facilidade, ninguém pode ocupá-los de volta, nem se um Weisanna abandonar totalmente o corpo de nascença e deixar o receptáculo vazio em estase no chão. Eles formam o conjunto da guarda real e boa parte da guarda do palácio. Esse tipo de proteção manteve, com facilidade, a família real de San no trono, espantando ameaças à segurança antes que pudessem emergir.

Calla murmura um xingamento, pegando o pacote caído.

— Compre mais talismãs de proteção. Você acabou de ser invadido! — grita para o entregador.

E logo está correndo até as escadas também, capturando o mais breve vislumbre do Weisanna, antes de ele desaparecer pelo corredor do segundo

andar que dá para um prédio vizinho. San é quase completamente interconectada por ligações e passagens, por paredes que um dia já deram para o exterior, mas agora são meros divisores entre espaços de construções. Quando Calla para em uma intersecção, vê o Weisanna de novo através de uma das janelas inúteis que se espalham por todos os andares. Essas janelas são o único indício de que já houve algum espaço entre os prédios da cidade, antes de eles começarem a se mesclar uns aos outros.

— Ei! — exclama Calla.

O Weisanna continua correndo e ela o persegue, entrando de supetão em outro andar com o pesado batucar de suas botas. Há uma multidão ali. Pessoas demais olhando as lojas, reunidas para inspecionar as carnes penduradas pelos açougueiros. Calla se pressiona mais contra as fachadas, na esperança de avançar pelas beiradas, mas então pisa numa pilha de cabelo descartado do lado de fora de uma barbearia e quase cai. Com tremendo nojo, só lhe resta voltar ao centro, murmurando xingamentos enquanto se esquia para não ser golpeada por um casal que carrega um pesado computador pessoal para reparo.

Seria tão mais rápido se ela saltasse. Mas Calla não o faz, ela se recusa. Apenas mantém o passo ágil, o pacote molhado ainda enganchado no cotovelo, os olhos focados no alvo. É quase como se o Weisanna estivesse brincando com ela. A cada vez que pensa ter perdido o rastro, misturando-se entre compradores demais ou empurrada para trás de um grupo de empreiteiros que ergue imensas tábuas entre eles, ela captura um vislumbre de novo, só o suficiente para seguir por um lance de escadas ou outro corredor. O ambiente muda de comercial para residencial, as frias paredes de pedra de cada lado espaçando-se para acomodar as lojas ou encolhendo-se para deixar mais espaço para os apartamentos. Ela também sobe cada vez mais, até que, de súbito, o Weisanna está à vista, e Calla corre para o lance de escadas absurdamente verticais, subindo três degraus a cada pulo e se lançando contra a porta ao final.

A luz natural do sol quase a deixa cega. Seus raios são fracos, mas é um choque para se ajustar mesmo assim. Calla coloca a mão agitada sobre o rosto, batalhando contra a onda de náusea, antes de ver seu alvo de pé na beirada do telhado.

— Você...

Ela coloca uma das mãos sobre os ombros dele e o gira, porém não é mais o Weisanna. A mulher pisca os olhos de um vermelho desbotado, que estão embaçados de confusão. *Droga*. O Weisanna saltou de novo sem Calla perceber. Em algum ponto da perseguição, ele olhou para um novo corpo e se transferiu.

— O que estou fazendo aqui? — pergunta a mulher, a voz fina.